

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

BIANCA ROBERTA SANTOS LIMA
MARIA VITÓRIA NUNES GALVÃO
MAYANE CAMILE DEODATO DE BRITO

COVID 19: O Impacto da Automedicação no Período Pandêmico

RECIFE/2025

BIANCA ROBERTA SANTOS LIMA
MARIA VITÓRIA NUNES GALVÃO
MAYANE CAMILE DEODATO DE BRITO

COVID 19: O Impacto da Automedicação no Período Pandêmico

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC do Curso de Bacharelado em
Farmácia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para
conclusão do curso.

Orientador(a): Prof^a Dra. Isabella Coimbra
Vila Nova

RECIFE
2025

**BIANCA ROBERTA SANTOS LIMA
MARIA VITÓRIA NUNES GALVÃO
MAYANE CAMILE DEODATO DE BRITO**

COVID 19: O Impacto da Automedicação no Período Pandêmico

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Farmácia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Isabella Coimbra Vila Nova - Doutora em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco

Wesley Felix - Doutor

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos conceder sabedoria, força e perseverança para concluirmos esta importante etapa de nossas vidas acadêmicas.

Aos nossos familiares, pelo amor, paciência e apoio incondicional em todos os momentos, sendo nossa base e motivação para seguir em frente.

Aos nossos professores e orientadores, pela dedicação, ensinamentos e pela contribuição essencial para o nosso crescimento pessoal e profissional.

Aos colegas e amigos que estiveram ao nosso lado durante essa jornada, pelo companheirismo, incentivo e pela troca constante de aprendizados.

Por fim, agradecemos a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Com gratidão,

Maria Vitória, Mayane Camile e Bianca Roberta

RESUMO

A automedicação no Brasil, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o uso de medicamentos sem prescrição, é prática cultural consolidada e foi intensificada durante a pandemia de COVID-19. Este comportamento, embora enraizado, carrega riscos significativos à saúde pública, como reações adversas e intoxicações, sendo um desafio agravado pelo cenário de crise sanitária. Esta revisão integrativa teve por objetivo analisar o impacto da automedicação e a influência da desinformação no período pandêmico. A metodologia consistiu na busca de estudos nas bases Google Scholar, MEDLINE, SciELO e PubMed, cobrindo o período de janeiro de 2019 a dezembro de 2024. Utilizando os descritores padronizados "automedicação" e "pandemia COVID-19", foram selecionados dez artigos após a triagem. Os dados apontaram aumento notável no uso de fármacos sem eficácia comprovada contra o SARS-CoV-2. O consumo de antimaláricos e antiparasitários foi impulsionado pela "infodemia", que estimulou a prática para prevenção da doença. Estes medicamentos trouxeram riscos de intoxicações e reações adversas, além do potencial de mascarar a evolução clínica e estimular a resistência antimicrobiana. Conclui-se que a crise sanitária agravou um problema pré-existente de saúde pública, exigindo fortalecimento da atenção farmacêutica e políticas públicas para promover o uso racional de medicamentos. Medidas educativas, fiscalização do comércio de fármacos e investimentos em comunicação científica são prioridades para reduzir danos e proteger a população.

Palavras-Chave: Automedicação. Pandemia. COVID-19. Infodemia. Atuação Farmacêutica.

ABSTRACT

Self-medication in Brazil, defined by the World Health Organization (WHO) as the use of drugs without prescription, is a well-established cultural practice and was intensified during the COVID-19 pandemic. This behavior, although rooted, carries significant risks to public health, such as adverse reactions and intoxications, being a challenge aggravated by the health crisis scenario. This integrative review aimed to analyze the impact of self-medication and the influence of disinformation in the pandemic period. The methodology consisted of searching for studies in the databases Google Scholar, MEDLINE, SciELO, and PubMed, covering the period from January 2019 to December 2024. Using the standardized descriptors "self-medication" and "COVID-19 pandemic," ten articles were selected after screening. The findings showed a notable increase in the use of drugs without proven efficacy against SARS-CoV-2. The consumption of antimalarials and antiparasitics was driven by "infodemia," which stimulated the practice for disease prevention. These medicines carried risks of intoxications and adverse reactions, in addition to the potential to mask clinical evolution and stimulate antimicrobial resistance. It is concluded that the health crisis aggravated a pre-existing public health problem, requiring the strengthening of pharmaceutical care and public policies to promote the rational use of medicines. Educational measures, control of the drug trade, and investments in scientific communication are priorities to reduce damage and protect the population.

Keywords: Self-medication. Pandemic. COVID-19. Infodemia. Pharmaceutical Performance.

LISTA DE SIGLAS

CFF – Conselho Federal de Farmácia

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – Online Medical Literature Analyses and Retrieval System Online

MIPs – Medicamentos Isentos de Prescrição

OMS – Organização Mundial da Saúde

PUBMED – Medical Publications

RAM – Reações Adversas a Medicamentos

SARS-CoV- 2 – Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2

SciELO – Scientific Electronic Library Online

SINITOX – Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas

SRAG – Síndrome Respiratória Aguda Grave

SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Material e Métodos.....	10
3. Resultados e Discussão.....	12
4. Conclusão.....	15
Referências.....	16

1. Introdução

A automedicação no Brasil remonta ao período colonial, durante a colonização portuguesa. Naquela época, a saúde estava nas mãos dos boticários, que frequentemente indicavam receitas sem fundamento científico para a população ¹. Dois séculos depois, muitos brasileiros passaram a procurar diretamente às farmácias para resolver problemas de saúde, como dores de cabeça e crises de hipertensão arterial. Contudo, longe de ser apenas um costume cultural, a automedicação provoca cerca de 20 mil óbitos por ano no país ².

Definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é uma prática de saúde pública que consiste no uso de medicamentos por indivíduos sem prescrição ou supervisão de um profissional de saúde ³. Tal prática se manifesta em diversas ações que caracterizam seu uso indevido, como a compra de medicamentos sem receita, o compartilhamento de fármacos com outros, a reutilização de antigas receitas e, ainda, o descumprimento das orientações clínicas, seja pelo alongamento ou pela interrupção precoce da dosagem.⁴ Este comportamento embora pareça inofensivo, especialmente no caso de medicamentos isentos de prescrição, em alguns casos, pode até ser vista como um benefício, reduzindo custos e otimizando o tempo do paciente para tratar sintomas leves, carrega riscos significativos ⁵.

O uso irracional de fármacos pode levar a graves problemas de saúde, como reações adversas e intoxicações.⁶ Entre os malefícios da automedicação, destacam-se o atraso no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto, pois a redução de sintomas pode mascarar a evolução da enfermidade, gerando piora do quadro clínico, além de aumentar o risco de dependência química e alergias.⁶ Ademais, um dos maiores problemas de saúde global associados à automedicação é o aumento da resistência antimicrobiana. A gravidade desses impactos, são agravados pela facilidade de acesso aos medicamentos e pela influência de informações de fontes não confiáveis ⁷.

A elevada incidência da automedicação é impulsionada por fatores sociais e comportamentais que a tornam uma prática recorrente, como principais motivadores estão a familiaridade com o medicamento, experiências prévias positivas, dificuldade de acesso aos serviços e pela função simbólica que os medicamentos exercem sobre a população ⁸. No Brasil, tem-se o hábito de não somente de se automedicar, como também indicar medicamentos para parentes, amigos e familiares ⁹.

Esse uso inadequado de medicamentos tem apresentado cada vez mais complicações na saúde da população ¹⁰. De acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX), a automedicação é a responsável por 33,17% das intoxicações registradas e é a causa de 19% de óbitos. Além disso, segundo o Conselho Federal de Farmácia, juntamente com o Instituto Datafolha, 47% da população se automedica pelo menos uma vez por mês e 25% pelo menos uma vez por semana ¹¹.

Essa elevada frequência da automedicação está diretamente ligada ao perfil de consumo, que se concentra em medicamentos de fácil acesso. Os medicamentos que atuam no sistema nervoso central são os mais populares entre a população que se automedica ¹². Alguns estudos têm resultados concordantes, onde de um total de 209 mulheres que se automedica 89% fazem uso de analgésicos, seguidos por antiinflamatórios com 68% e dos antialérgicos com 53% ¹³. Os fármacos mais consumidos foram dipirona, orfenadrina e cafeína, e paracetamol. De maneira geral, esses medicamentos são os mais encontrados nos estoques domiciliares e normalmente empregados para aliviar sinais e sintomas ou incômodos agudos, menores ou autolimitados ¹⁴.

No início de 2020 o cenário da automedicação foi profundamente transformado pela pandemia de COVID-19, impulsionada pelo medo, pela sobrecarga dos sistemas de saúde e pelo isolamento social ¹⁵. A busca por tratamentos rápidos e alternativos aumentou a prática da automedicação em diferentes populações ^{16,17}. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, agente etiológico da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), que apresenta um espectro clínico, variando de infecções assintomáticas a quadros graves e se destacou mundialmente, por ser responsável por uma das mais abrangentes pandemias da história ¹⁸.

Diante do cenário de uma crise pandêmica, somou-se a esse contexto a proliferação de informações falsas e enganosas em mídias sociais, um fenômeno que a OMS classificou como "infodemia", termo adotado pela OMS que se refere ao aumento do volume de informações ligadas a

um assunto específico e que acaba por se multiplicar exponencialmente em um curto espaço de tempo devido a algum evento específico¹⁹. A infodemia afeta diretamente o controle da pandemia na medida em que se aumenta a busca por medicamentos que, teoricamente, seriam capazes de curar ou prevenir a COVID-19²⁰. Essa desinformação levou à crença popular em um suposto "kit-covid" "tratamento precoce" que, apesar da falta de eficácia científica comprovada, impulsionou o consumo de medicamentos como a hidroxicloroquina e a ivermectina^{21,22}.

No primeiro trimestre de 2020 houve aumento significativo do consumo de vitaminas e medicamentos, que cresceu quase 200%. Apesar da circulação de estudos científicos que não confirmavam a eficácia desses fármacos, a automedicação se manteve em alta.²³ Na primeira metade do ano de 2021 ocorreu um aumento significativo no número de pesquisas sobre automedicação e assuntos relacionados a esse tema na ferramenta de pesquisa do Google.²⁴ Também houve uma tendência maior de autodiagnóstico pela população em geral, levando em consideração os dados obtidos por meio da pesquisa dos sintomas apresentados. Um dos fatores que influenciaram tal prática foi o pânico presente no período da pandemia²⁵.

O uso inadequado desses medicamentos expôs a população a efeitos adversos, como arritmias cardíacas, além de desviar a atenção de tratamentos comprovados e medidas preventivas. A população em geral, na maioria das vezes, procura uma farmácia antes de buscar um serviço hospitalar, visto ser essa uma instituição de acesso fácil e gratuito²⁶. Nesse contexto, o profissional de saúde mais acessível é o farmacêutico, que tem a obrigação ética de usar sua experiência para fornecer uma orientação correta e segura, indicando ao cliente a visita a um médico quando necessário. Portanto, o papel primordial do farmacêutico é promover uma automedicação racional e consciente, e alertar para os riscos potenciais²⁷.

Diante desse panorama, o papel do farmacêutico se destacou como fundamental durante a crise sanitária. Por sua acessibilidade, este profissional atua na linha de frente para orientar a população sobre o uso racional de medicamentos e combater a desinformação, fornecendo informações seguras e embasadas em evidências científicas. Em um contexto de pandemia, o farmacêutico demonstrou-se essencial na logística, produção e conhecimento sobre os medicamentos. Assim, na assistência farmacêutica, o profissional dissemina de forma imparcial as informações inseridas nas mídias acerca dos fármacos, embasando-se em conhecimentos científicos.^{28, 29} Com base em estudos científicos, o farmacêutico, em um contexto de decisões multiprofissionais, ganha importante relevância, contribuindo com o repasse de informações acerca dos medicamentos, considerando que ainda havia poucas evidências no que se refere aos fármacos utilizados no tratamento da COVID-19^{30, 31}.

Esses elementos mostram tanto a responsabilidade quanto os limites da atuação farmacêutica diante da desinformação, evidenciando a necessidade de investigar como tais fatores influenciaram a prática de automedicação durante a pandemia. Dessa forma, a presente pesquisa, configurada como uma revisão integrativa, tem como objetivo central analisar o impacto da automedicação e a influência da desinformação durante a pandemia de COVID-19. O estudo busca sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre a relação entre a desinformação digital e o uso de medicamentos sem eficácia comprovada, e discutir as implicações desses achados para a prática profissional do farmacêutico e para as políticas de saúde pública.

2. Material e Métodos

Este trabalho adotou a metodologia de Revisão Integrativa da literatura, indicada para mapear, sintetizar e analisar evidências científicas sobre um tema amplo e heterogêneo, permitindo a articulação de estudos de diferentes desenhos e a identificação de lacunas no conhecimento.³² O protocolo seguiu as seis etapas clássicas: (1) elaboração da pergunta norteadora; (2) busca e amostragem na literatura; (3) coleta de dados; (4) análise crítica dos estudos incluídos; (5) discussão dos resultados; e (6) apresentação da síntese integrativa.

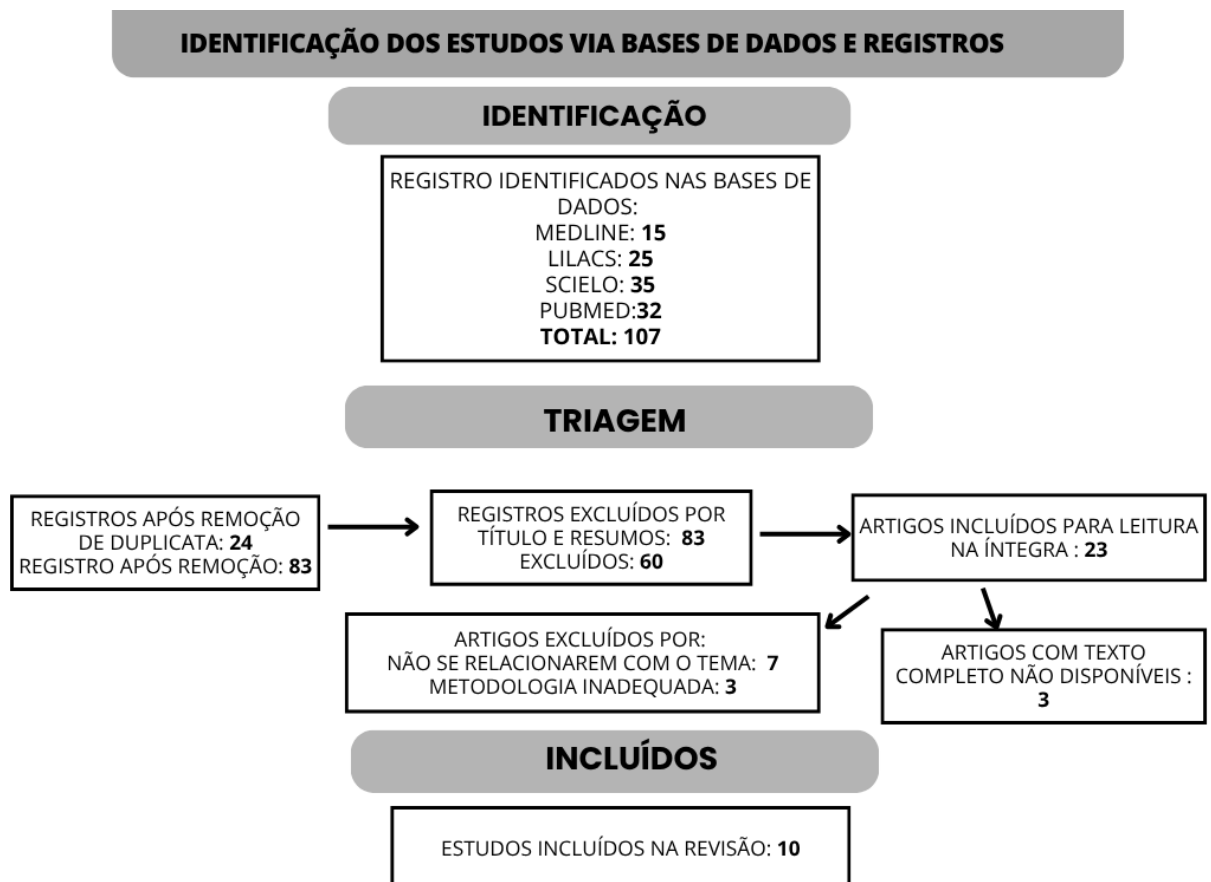
A pergunta norteadora foi: "Quais foram os impactos e os fatores associados à prática de automedicação durante a pandemia de COVID-19?" Para responder a essa questão, utilizou-se análise bibliográfica e documental com consulta nas bases de dados MEDLINE (Online Medical Literature Analyses and Retrieval System Online), LILACS (Latin American and Caribbean Health Sciences

Literature), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e PubMed. O período de busca foi delimitado de janeiro de 2019 a dezembro de 2024, a fim de contemplar dados prévios ao surgimento da COVID-19 para comparação com o período de emergência pandêmica e os anos de respostas populacionais e sanitárias.

As buscas foram realizadas empregando descritores padronizados pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), a saber: “automedicação”, “automedicação na pandemia COVID-19” e “pandemia COVID-19 e as medicações de tratamento”. Em cada base, os termos foram combinados e adaptados conforme a sintaxe disponível, e aplicou-se filtro de idioma quando pertinente. Todos os títulos e resumos recuperados nas buscas eletrônicas foram previamente revisados para triagem. Quando os estudos aparentavam preencher os critérios de inclusão, foi realizada a obtenção do texto completo sempre que possível.

Foram incluídos artigos que abordavam diretamente a temática da automedicação no contexto da pandemia de COVID-19 e que apresentavam dados ou discussões relevantes para os objetivos desta revisão; excluíram-se trabalhos não relacionados ao tema, que estavam em outro idioma, comunicações sem dados empíricos e publicações inacessíveis na íntegra. Com base na leitura integral dos textos elegíveis, foi elaborada uma lista final de artigos incluídos no estudo. Os resumos dos artigos selecionados foram compilados e organizados segundo os objetivos propostos, orientando a construção da revisão. As informações extraídas permitiram a síntese narrativa dos achados, a identificação de padrões de uso de medicamentos e a discussão das principais implicações encontradas na literatura. Após seleção dos periódicos e melhor definição dos artigos foi utilizado o fluxograma PRISMA, conforme demonstra a figura 1:

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção do artigos



Fonte: Autores, 2025.

3. Resultados e Discussão

Segundo os critérios de inclusão e exclusão adotados no delineamento metodológico, foram selecionados 10 artigos que se enquadram melhor na temática abordada. Os artigos selecionados estão listados no Quadro 1.

Quadro 1- Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa, quanto ao autores, ano de publicação, título e principais resultados encontrados.

Fonte: Autores, 2025.

Autor	Ano	Título	Síntese Dos Resultados
MELO, José Romério Rabelo et al. ³³	2021	Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19	Aumento significativo nas vendas de medicamentos do "kit-covid" (ivermectina, hidroxiclороquina/cloroquina, azitromicina). A ivermectina registrou aumento de 829% nas vendas de 2019 para 2020. O consumo excessivo, impulsionado pela mídia e autoridades, elevou o risco de automedicação inadequada, resistência bacteriana e reações adversas.
OLIVEIRA, João Victor Lopes et al. ³⁴	2021	A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa	A prática da automedicação foi impulsionada pelo medo e pânico, sendo usada tanto para prevenção quanto para tratamento. O uso irracional de medicamentos focou em supostos tratamentos. O estudo apontou que pessoas com renda entre um e dois salários mínimos estavam mais propensas à prática
DA ROCHA PITTA, Marina et al. ³⁵	2022	Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil	Maior prevalência de automedicação para prevenção (20,2%) do que para combate (8,9%). Os medicamentos mais usados foram vitaminas e própolis (41,16%), ivermectina (17,82%) e azitromicina (8,56%). A indicação mais frequente veio de familiares (30,17%). Efeitos colaterais mais comuns foram cólicas intestinais e mal-estar
WIROWSKI, Natália et al. ³⁶	2022	Prevalência de automedicação para COVID-19 entre adultos jovens durante a pandemia no Brasil	A prevalência de automedicação para COVID-19 em adultos jovens (18-35 anos) foi de 32,7%. O medicamento mais usado foi o paracetamol (55,3%).

Autor	Ano	Título	Síntese Dos Resultados
			O principal motivo foi a prevenção da COVID-19 (36,8%), sendo a razão mais comum já ter o medicamento em casa (65,8%).
FRANCISCO, Rayssa Alves et al. ³⁷	2021	Riscos da automedicação durante a pandemia Covid-19	A prática cresceu impulsionada pela incerteza inicial de tratamento. Os medicamentos mais procurados incluíram Paracetamol, Azitromicina, Hidroxicloroquina e Ivermectina. O uso de Ibuprofeno foi reduzido devido a notícias falsas. O uso de vitaminas e suplementos, como as Vitaminas C e D, na expectativa de prevenção, aumentou as vendas consideravelmente
LEÃO, Elias Almeida et al. ³⁸	2023	Automedicação No Decurso Pandêmico Da Covid-19 No Brasil: Uma Revisão	O uso indiscriminado de medicamentos aumentou devido a informações inverídicas e ao medo. A ivermectina (24%) e a hidroxicloroquina (22%) foram os mais prevalentes no consumo para automedicação. A prática acarreta riscos como reações adversas e óbitos, e o farmacêutico é fundamental para o combate
DE FREITAS SILVA, Alícia et al. ³⁹	2021	Automedicação na pandemia do novo coronavírus	A automedicação se tornou um hábito comum devido ao isolamento social e ao fácil acesso à informação na internet. Cloroquina/hidroxicloroquina foi a mais citada em artigos sobre automedicação, seguida por vitamina C, ivermectina e azitromicina. O uso incorreto pode causar efeitos colaterais graves, outras patologias ou dependência
DE OLIVEIRA, Tuane et al. ⁴⁰	2024	Tendências e implicações da automedicação na pandemia da COVID-19	A automedicação aumentou globalmente, impulsionada por ansiedade, medo e pânico. A população recorreu a diversas classes (antibióticos, antimaláricos, analgésicos, vitaminas) para alívio

Autor	Ano	Título	Síntese Dos Resultados
			sintomático, ignorando riscos. O paracetamol e as vitaminas C e D foram as classes com maior ocorrência
BATISTA, Clecia Fialho, et al. ⁴¹	2022	Pandemia de COVID-19: automedicação e riscos de intoxicação (atuação do farmacêutico)	A automedicação é um desafio contínuo para o farmacêutico devido à disseminação de informações sem idoneidade (fakes news). Os riscos incluem intoxicação, agravamento da doença e resistência microbiana. O farmacêutico atua na Atenção Farmacêutica para orientar sobre o uso racional e reduzir o uso desnecessário
DE JESUS TEIXEIRA, et al. ⁴²	2020	Os riscos associados à prática da automedicação no tratamento da Covid-19	A falta de um protocolo terapêutico gerou a busca por alternativas sem estudos clínicos. Fármacos como azitromicina, ivermectina, HCQ e CQ foram os mais utilizados, mesmo sem eficácia comprovada, podendo gerar efeitos tóxicos. As reações adversas incluíram prolongamento do intervalo QT (HCQ/AZT) e distúrbios gastrointestinais/rabdomiólise (IVT)

Os artigos analisados apontam que a pandemia da COVID-19 exacerbou a prática da automedicação no Brasil, transformando uma conduta preexistente em um problema de saúde pública agravado pela urgência sanitária^{33,34}. A prevalência da automedicação em populações estudadas foi significativa, alcançando 32,7% entre adultos jovens brasileiros³⁵, e a prática para prevenção (20,2%) superou o uso para combate à doença (8,9%), o que indica que o medo e a incerteza foram catalisadores primários desta conduta^{35,36}.

O impulso para o aumento da automedicação esteve intrinsecamente ligado a fatores como a ausência inicial de um protocolo farmacoterapêutico definido³⁷ e a sensação de medo perante o vírus, ainda pouco conhecido e com alto potencial letal³⁴. A sobrecarga dos serviços de saúde, o isolamento social e o receio de contaminação em unidades de saúde contribuíram para que a população buscasse soluções rápidas de autocuidado³⁴. A prática foi identificada em diversos grupos, sendo a maior prevalência encontrada em alguns estudos no sexo feminino motivada por uma maior preocupação com a própria saúde e a da família³⁵.

Contudo, o fator mais proeminente e prejudicial foi a chamada infodemia, a propagação maciça de informações não verificadas em mídias sociais e outros canais^{36, 37}. Essa desinformação gerou a crença popular na eficácia do "kit-covid" ou "tratamento precoce" o qual consistia em uma combinação de medicamentos sem eficácia científica comprovada contra a COVID-19^{38, 39, 40}. O incentivo ao uso desses medicamentos por autoridades e mídias, apesar da falta de evidências, estimulou o uso irracional de medicamentos³⁴. O principal motivo para a prática foi a prevenção (36,8%), e o fator que mais contribuiu foi já ter o medicamento em casa (65,8%)³⁶.

O padrão de consumo de medicamentos refletiu essa dinâmica. Fármacos como a Ivermectina e a Hidroxicloroquina/Cloroquina tiveram suas vendas e consumo impulsionados, apesar de o uso indiscriminado não ser suportado pela ciência^{38, 39}. Melo et al.³² destaca um aumento de 829% nas vendas de ivermectina. A Azitromicina também teve seu uso aumentado, frequentemente em associação, o que é preocupante devido ao potencial de resistência antimicrobiana³⁹.

Além dos medicamentos, as vitaminas e suplementos, como as Vitaminas C e D e o zinco foram amplamente consumidos na expectativa de prevenção e fortalecimento da imunidade^{37, 40}. O Paracetamol, por sua vez, foi o medicamento mais utilizado por adultos jovens (55,3%) sendo o principal motivo o alívio de sintomas leves, como a dor de cabeça. A obtenção desses medicamentos se deu principalmente pela compra em farmácias (80,7%)³⁶ e pela indicação de familiares, o que reforça a necessidade de intervenção profissional no balcão de atendimento⁴¹.

O consumo indiscriminado desses medicamentos resultou em sérios riscos à saúde, sendo a intoxicação um dos mais relevantes⁴⁰. Os estudos reportaram a possibilidade de reações adversas graves, como o prolongamento do intervalo QT, associado à combinação de hidroxicloroquina e azitromicina e efeitos neurotóxicos, hepatotóxicos e gastrointestinais decorrentes do uso da ivermectina⁴². Os efeitos colaterais mais comuns relatados nos artigos incluíram cólicas intestinais, náuseas, diarreia e dor de cabeça.

O risco não se limitou apenas aos efeitos imediatos. O uso inadequado de antibióticos pode acelerar a resistência antimicrobiana, um problema de saúde global já pré-existente e que foi agravado pela pandemia^{33, 39}. Além disso, a automedicação pode mascarar a evolução da COVID-19 ou de outras enfermidades, atrasando o diagnóstico correto e o tratamento adequado³⁷, o que pode levar ao agravamento do quadro clínico, necessidade de internação e até mesmo ao óbito⁴⁰. De Jesus Teixeira et al.⁴² destaca que a urgência de um protocolo terapêutico no início da pandemia resultou em estudos com resultados divergentes e pequena amostragem, dificultando a percepção real dos riscos.

Neste cenário complexo de uso inadequado, o papel do farmacêutico foi enfatizado como fundamental para mitigar os riscos^{34, 38, 41}. O farmacêutico deve atuar na Assistência Farmacêutica e na Educação em Saúde, fornecendo informações seguras e com base científica para combater a desinformação⁴¹.

4. Conclusão

O propósito desta Revisão Integrativa, de analisar o impacto da automedicação e a influência da desinformação durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, permitiu identificar que o cenário de crise sanitária não inaugurou o problema, mas sim exacerbou uma prática já consolidada e culturalmente enraizada na sociedade brasileira. A principal evidência do agravamento foi o consumo irracional e significativo de medicamentos sem eficácia científica comprovada, popularmente agrupados como "kit-covid". A análise demonstrou que a automedicação foi impulsionada primariamente pela prevenção e pela posse prévia dos fármacos em casa, indicando que o medo e o pânico foram catalisadores comportamentais mais fortes que a busca por tratamento efetivo.

Nesse contexto, o fator mais proeminente e prejudicial nesse contexto foi a disseminação maciça e não verificada de informações, a chamada infodemia, que criou a crença popular na validade desses tratamentos alternativos. Essa desinformação, frequentemente incentivada por mídias e até por autoridades, estabeleceu um forte nexos causal com o aumento do consumo inadequado de fármacos. O resultado imediato desse consumo indiscriminado foi o aumento de sérios riscos à saúde, incluindo intoxicações e a ocorrência de reações adversas graves, como o prolongamento do intervalo QT associado à combinação de hidroxicloroquina e azitromicina.

Ademais, constatou-se que o impacto da automedicação estendeu-se para além dos efeitos agudos. O uso irrestrito de antibióticos, fora de um protocolo clínico, contribuiu diretamente para o agravamento da crise global de resistência antimicrobiana, um problema de saúde pública já existente e que foi potencializado pela pandemia. Além disso, a prática de automedicar-se para alívio de sintomas leves, como febre e dor de cabeça, pode ter mascarado a progressão clínica da COVID-19 ou de outras enfermidades, atrasando o diagnóstico e o tratamento correto, o que pode levar a desfechos clínicos mais graves.

A urgência dessa problemática reitera a imprescindibilidade do farmacêutico no sistema de saúde. Devido à sua acessibilidade e conhecimento técnico, este profissional se posicionou na linha de

frente para o controle da crise. A atuação do farmacêutico na Assistência Farmacêutica e na Educação em Saúde é a barreira ética e científica fundamental contra a desinformação, sendo sua responsabilidade fornecer orientações seguras e baseadas em evidências científicas, promovendo o uso racional de medicamentos.

Referências

- 1 Nunes, Grasiella Moura. A automedicação e o papel do farmacêutico: uma revisão integrada.. São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe; 2015.
- 2 Correio Braziliense. Automedicação é responsável pela morte de 20 mil pessoas por ano no Brasil. Correio Braziliense; 2010. Disponível em:
- 3 Jorge ACS, Tristão TC, de Jesus JH. Os riscos da automedicação em tempos de Covid - 19 dentre estudantes universitários de um município localizado na Amazônia Legal. SEVEN publicações acadêmicas. 2022.
- 4 Loyola-Filho Ai, Uchoa E, Guerra Hl, Firmo Jo, Lima-Costa Mf. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev Saúde Pública. 2002;36(1):55-62.
- 5 Branco LL, Lobato MYF, Borges JFT, Oliveira RCS. Automedicação Durante a Pandemia de COVID-19 e Fatores Associados. Res Soc Dev. 2023;12(2):e11212239924.
- 6 Mota Júnior FRC, Estrela YCA, Bastos FSA, Fonseca PEO, Amaral TF, Claudino LRF, et al. Impactos Da Automedicação Durante O Período Da Pandemia. Rev Foco. 2023;16(7):e2707.
- 7 Chaves NFG. Automedicação durante a pandemia da COVID-19. Paracatu (MG): Centro Universitário Atenas; 2022.
- 8 Prado Mamb, Francisco Pmsb, Bastos Tf, Barros Mba. Uso de medicamentos prescritos e automedicação em homens. Rev Bras Epidemiol. 2016;19(3):594-608.
- 9 Santos Ts, Almeida Mm, Pessoa Evm, Pessoa Nm, Siqueira Hds, Silva Jmn, Junior Rncm, Rodrigues Ace, Silva Fl, Silva Abs, Pessoa Gt, Sousa Fdca. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. Sci Plena. 2018;14:1-9.
- 10 Moreira TA et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. Rev Bras Epidemiol. 2020;23:1-15.
- 11 Cavalheiro AH, Ungari AQ. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. Rev Qualidade HC. 2020.
- 12 SCHMID B, et al. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. Rev Saúde Pública. 2010;44(6):1039-45.
- 13 Silva Bv, Galle De Oliveira C, Riscado Grabler G, Cândido De Souza L, Milan Lo, Bonini Lm De M. Prevalência Da Automedicação Em Mulheres. Recima21. 2021;2(11):E2111037.
- 14 Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TSD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. Rev Saúde Pública. 2016;50(suppl 2):13s.
- 15 Sadio AJ, Gbeasor-Komlanvi FA, Konu RY, Bakoubayi AW, Tchankoni MK, Bitty-Anderson AM, et al. Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. BMC Public Health. 2021;21(1):58.

- 16 Quispe-Cañari JF, Fidel-Rosales E, Manrique D, Mascaró-Zan J, Huamán-Castillón KM, Chamorro-Espinoza SE, et al. Self-medication practices during the COVID-19 pandemic among the adult population in Peru: A cross-sectional survey. *Saudi Pharm J*. 2021;29(1):1-11.
- 17 Brasil. Guia de vigilância epidemiológica: emergência de saúde pública de importância nacional pela doença pelo coronavírus 2019 –covid-19. Brasília: Ministério da Saúde; 2022.
- 18 World Health Organization. Coronavirus Disease 2019 (Covid-19): Situation Report-38. 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1
- 19 Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS; Organização Mundial de Saúde - OMS. COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. Brasília; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>.
- 20 Lima LVA, Santos JRM, Pinho Neto EC, Santos H, Lima LF, Silva LA, et al. Uso de aminoquinolinas (Cloroquina e Hidroxicloroquina) no tratamento da COVID-19: uma revisão sistemática. *Res Soc Dev*. 2021;10(12):e569101220907.
- 21 Cavaleiro AH, Ungari AQ. Análise da automedicação no cenário da COVID-19: uma revisão sistemática rápida. *Rev Qualidade HC*. 2020:21-8.
- 22 Onchonga D. A Google Trends study on the interest in self-medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic. *Saudi Pharm J*. 2020;28(7):903-4.
- 23 Aljed M. Antimicrobial resistance, COVID-19 and self-medication in Syria: a potential boost for an already escalating problem. *JAC-Antimicrobial Resistance*. 2021;3(3):1-2.
- 24 Jairoun AA, Al-Hemyari SS, Abdulla NM, El-Dahiyat F, Jairoun M, AL-Tamimi SK, Babar Z-U-D. Online medication purchasing during the Covid-19 pandemic: A pilot study from the United Arab Emirates. *J Pharm Policy Pract*. 2021;14(1):38.
- 25 Prudêncio JVL, Marques JHM. Riscos Da Automedicação Durante A COVID-19. *Rev Científica*. 2021;1(1).
- 26 Abrahao RC, Godoy JA, Halpern R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. *Aletheia*. 2013;41:134-53.
- 27 Silva JC, Quintilio MSV. Automedicação e o Uso Indiscriminado dos Medicamentos: o Papel do Farmacêutico na Prevenção. *Rev Iniciação Científica Extensão*. 2021;4(2):685-92.
- 28 Passos MMB, Castoldi VM, Soler O. O papel do farmacêutico na pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Res Soc Dev*. 2021;10(6):e27110615809.
- 29 Miranda JDS, Marques JFB, Santos WLD. Papel do farmacêutico frente à pandemia de Covid-19. *Rev JRG de Estudos Acadêmicos*. 2022;5(10):124-35.
- 30 Passos Mmb, Castoldi Vm, Soler O. O papel do farmacêutico na pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Res Soc Dev*. 2021;10(6):e27110615809.
- 31 Tritany Rf, Tritany E. Serviços farmacêuticos no enfrentamento à COVID-19: uma revisão integrativa da literatura. *Saúde Redes*. 2020;2(Supl):63-80.
32. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer? *Einstein (São Paulo)*. 2010;8(1):102-6. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>.

- 33 Melo JRR, Duarte EC, Moraes MV, Fleck K, Arrais PSD. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cad Saúde Pública* 2021; 37(4):e00053221.
- 34 Oliveira JVL, Costa FB, Porfírio VN, Silva MMM, Cunha ABOC, Silva NC et al. A automedicação no período de pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Res Soc Dev* 2021; 10(3):e58610313762.
- 35 Da Rocha Pitta MG, de Lima LP, de Carvalho JS, Teixeira DRC, Nunes TRS, de Moura JAS et al. Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. *Res Soc Dev* 2021; 10(11):e28101119296.
- 36 Wirowski N, Melo CS, Vieira IS, Moreira FP. Prevalência de automedicação para COVID-19 entre adultos jovens durante a pandemia no Brasil. *Res Soc Dev* 2022; 11(7):e29011729955.
- 37 Francisco RA, Silva CR, Borges ACS, Rocha CM, Rodrigues GSR, Barros GSB. Riscos da automedicação durante a pandemia COVID-19. *RECIMA21 - Rev Científica Multidisc* 2021; 2(11):e2111001.
- 38 Leão EA. Automedicação No Decurso Pandêmico Da Covid-19 No Brasil: Uma Revisão. *Rev PsiPro* 2023; 2(2):01-36.
- 39 De Freitas Silva A, de Jesus JSP, Rodrigues JLG. Automedicação na pandemia do novo coronavírus. *Rev Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação* 2021; 7(4):938-943.
- 40 De Oliveira Soares TE, Souza IJ, da Silva CA, Ribeiro CHMA, Sousa CJP, Lo Prete AC. Tendências e implicações da automedicação na pandemia da COVID-19. *Rev Eletrônica Acervo Saúde* 2024; 24(11):e16702.
- 41 Batista CF, de Sousa Gonçalves DL, de Carvalho Abreu CR. Pandemia de COVID-19: automedicação e riscos de intoxicação (atuação do farmacêutico). *Rev JRG de Estudos Acadêmicos* 2022; 5(10):258-268.
- 42 De Jesus Teixeira KB, Padovani L, Melek VR, Vujanski YM, Godinho J. Os riscos associados à prática da automedicação no tratamento da COVID-19. *Rev UNINGÁ* 2020; 57(S1):062-063.